

NOVA CRÔNICA – 3*

Aparecendo de longe em longe tenho a esperança de não fatigar os assinantes da *Semana*.

Fatigado chego eu de uma larga viagem mar em fora até Marselha e de lá a Civitavecchia,¹ donde me dirigi a Roma. Fui ao concílio;² não que eu seja bispo, nem caudatário;³ sim e só porque sou cronista. Assisti pois à abertura da sagrada assembleia e vim-me embora. Gastei bem bons vinténs no passeio; e obtive a certeza de que o velho ditado: “quem tem boca vai a Roma”, deve substituir-se por outro: “quem tem bolsa vai a Roma”.⁴

*
* * *

Entrei no Rio de Janeiro há poucos dias, e logo fui cumprimentar⁵ o *Apóstolo*⁶ para quem trouxe, da mão de um cardeal, uma coroa de carvalho e uma carta em latim. Desde a capital católica e apostólica vim eu refreando a minha curiosidade, a respeito da significação do presente. Chegado aqui não pude mais resistir, e ao entregar fielmente os dois objetos confiados ao meu cuidado, perguntei o que significavam. Respondeu-me o colega: “A coroa é fortaleza; o latim é grego.”⁷

* A edição desta crônica foi preparada a partir de SI (nº 476, p. 3803 e p. 3806, 23 jan. 1870). As abreviaturas utilizadas nesta edição encontram-se ao final do texto editado. Editor: Ivo Korytowski. A crônica versa integralmente sobre a questão da infalibilidade papal, que na época vinha sendo discutida no Concílio Vaticano I, objeto de acaloradas discussões também na imprensa carioca. Machado apela para os argumentos de um polemista católico nascido no século XVI, François Véron (1575-1649), para combater a doutrina da infalibilidade do Papa, que acabou prevalecendo como dogma da Igreja.

¹ Civitavecchia] Civita-Vechia – em SI. Cidade portuária histórica na costa do mar Tirreno, conhecida como o principal porto de Roma.

² Concílio Vaticano I, convocado pelo Papa Pio IX, que transcorreu de 1869 a 1870.

³ “O que leva a cauda do manto real ou prelatício em certas solenidades” (dicionário Priberam).

⁴ Claro que a viagem é imaginária, já que Machado nunca saiu do Brasil, e apenas sete vezes deixou o Rio de Janeiro.

⁵ cumprimentar] cumprimentar – em SI.

⁶ “Periódico religioso, moral e doutrinário, consagrado aos interesses da religião e da sociedade”, que circulou de 1866 a 1901.

⁷ “É grego” no sentido de “é incompreensível”.

*
* *

Fiquei ciente; e em prova da minha gratidão dei-lhe, por minha parte, um livro que comprei na capital do orbe católico, na livraria chamada do Vaticano. Intitula-se: *Regra Geral da Fé Católica*.⁸

É seu autor o padre Francisco Véron,⁹ homem notável, que foi jesuíta, depois cura de Charenton, onde sustentou brilhante guerra contra a propaganda protestante por meados do século XVII. Dele diz o padre Genoude,¹⁰ o celebrado autor da *Divindade do Cristo*, da *Nova explicação do Dogma católico* e outros livros, o mesmo que foi a Roma, em 1839, para restaurar em França a congregação do Oratório, e foi acolhido pelo papa como bom e verdadeiro filho da igreja: “Houve alguns católicos ignorantes e supersticiosos que se mostraram escandalizados pelas exposições do padre Véron, e o acusaram de alterar e torcer a doutrina da igreja, só porque ele a apresentava tal como é.” (Eu vou citando isto, na esperança de não ver o *Apóstolo* no número dos tais supersticiosos.)

“Seria de pasmar que um sacerdote que empregava na conversão dos hereges tanto zelo e talento, por ordem do cardeal de Richelieu, que mui especialmente o protegia, e com plena autorização do clero francês, cujo era controversista e pregador, haja sido perseguido por subalternos, que nada percebiam de tais matérias, se não fosse bem sabido que os mais ilustres varões de todos os tempos, os mais esclarecidos, os mais sinceramente dedicados à religião têm estado ao alcance da calúnia e das perseguições dos entes mais ignóbeis e desprezíveis.”

*
* *

Desde logo chamei a atenção do colega para o capítulo IV, do *Papa*, que diz:

“Sobre este assunto é artigo de fé o que se contém na nossa profissão.”¹¹

Creio que o papa de Roma é sucessor de S. Pedro e vigário de Cristo sobre a terra; reconheço a santa igreja católica, apostólica e romana como mãe e chefe de todas as outras igrejas: palavras extraídas do santo concílio de Trento, sess. 25; e do concílio de Florença, na definição assinada por todo o concílio, depois de severa discussão de seus termos pelos padres gregos. Ali se diz expressamente, e nada mais: definimos que a santa sé apostólica e o pontífice romano é sucessor do bem-aventurado Pedro, príncipe dos apóstolos, verdadeiro vigário de Jesus Cristo e chefe de toda a igreja, pai e doutor

⁸ *Règle générale de la foy catholique* (1674). Acessível no Google Books. Machado deve ter tido acesso a uma edição francesa da obra, já que não encontrei em pesquisa na Hemeroteca menção a uma tradução portuguesa da obra.

⁹ Véron] Veron – em SI. Père François Véron, em francês.

¹⁰ Antoine-Eugène Genoud (ou de Genoude) (1792-1849) foi um teólogo e político francês.

¹¹ Profissão de fé.

de todos os cristãos, e que pleno poder lhe foi dado por nosso Senhor Jesus Cristo, na pessoa do bem-aventurado Pedro, de apascentar, reger e governar a igreja universal, como igualmente se contém nos atos dos concílios ecumênicos e nos sagrados cânones. E mais abaixo: o patriarca de Constantinopla é o segundo depois do santíssimo pontífice romano.

I. Não é artigo de fé nenhuma destas três doutrinas: a primeira, que o papa seja infalível separado do concílio universal; a segunda, que ele esteja superior ao concílio universal, e que por este não possa ser julgado; a terceira, que ele tenha autoridade, mesmo indireta, sobre o temporal¹² dos reis. A razão é manifesta; porque nenhuma destas doutrinas está na revelação divina, nem é proposta à fé pela igreja universal, como se evidencia do que referi do próprio concílio de Florença...

Alguns parisienses, como Gerson¹³ e Almain¹⁴ em seus livros dos poderes da igreja, seguiram esta opinião; bem como Afonso de Castro,¹⁵ liv. 1º cap. 2º, contra as heresias; e Adriano VI, papa, na questão da confirmação; dando todos a infalibilidade do julgamento das coisas¹⁶ da fé, não ao papa, mas à igreja, ou ao concílio geral somente. O próprio Bellarmino¹⁷ enjeita a opinião dos que dizem que o papa não pode ser herege, nem ensinar publicamente a heresia, ainda que de per si definisse qualquer ponto...

Quanto à segunda questão, o mesmo Bellarmino, em sua controvérsia 4ª, liv. 2º, cap. 13, tendo proposto se: *o concílio é superior ao papa*, e havendo representado que a questão nasceu e foi debatida no tempo do concílio de Pisa, de Constança e de Basileia, por ocasião de um grande cisma de que foi causa o fato de muitos prelados ocuparem simultaneamente a cadeira de S. Pedro,¹⁸ – assegura que semelhante doutrina é de uma e outra parte assaz nova, e diz: Até agora a dúvida prevalece, mesmo entre os católicos. E no capítulo 14: Encontro nos doutores três sentenças sobre o assunto; a primeira é que o concílio é superior ao papa; assim o entendeu o cardeal de Cambrai, João Gerson, Tiago Almain, e outros, em seus tratados do *Poder da Igreja*; bem como Nicolao Cusan,¹⁹

¹² Poder temporal.

¹³ Jean Charlier de Gerson (1363-1429), chamado de *Doctor christianissimus*, foi teólogo, erudito, educador, filósofo, pregador, reformador e poeta francês.

¹⁴ Jacques (Tiago em português) Almain (c.1480-1515) foi um teólogo francês.

¹⁵ Afonso de Castro (c.1495-1588) foi um teólogo e pregador franciscano espanhol.

¹⁶ coisas] cousas (nesta e na ocorrência seguinte) – em SI.

¹⁷ Roberto Belarmino (em italiano: Roberto Francesco Romolo Bellarmino) foi um jesuíta italiano e um cardeal da Igreja Católica.

¹⁸ Grande Cisma do Ocidente (1378-1417), uma crise papal com múltiplos papas rivais que abalou a Igreja no Ocidente, resolvido pelo Concílio de Constança, culminando na Igreja Católica Romana atual.

¹⁹ Referência a Nicolau de Cusa (Nikolaus von Kues em alemão e Nicolaus Cusanus em latim (1401-1464), cardeal da Igreja Católica Romana, um dos primeiros filósofos do humanismo renascentista, autor de inúmeras obras.

Panormitain,²⁰ seu mestre, o cardeal de Florença e Abulense;²¹ e cita o texto de cada qual. Mais abaixo, explicando-os, diz com eles que o soberano poder eclesiástico pertence tanto ao concílio como ao papa, porém mais particularmente, mais imediatamente, mais inabalavelmente ao concílio; que à Igreja pertence guiar e exaltar o papa, visto como ela não pode errar e o papa, sim, pode errar; que este poder soberano eclesiástico é transmitido imediatamente à Igreja, e portanto, morrendo o papa, ou sendo deposto, ou não querendo comparecer ao concílio, nem por isso este será um corpo imperfeito, mas perfeito, e tem poder para definir coisas da fé, formular leis, etc.; donde deduzem que o concílio é superior ao papa, podendo-o julgar e punir; e que perguntar se o papa é mais poderoso do que o concílio, o mesmo é que perguntar se a parte é maior que o todo.”

Aqui o padre Véron reprova a censura de Bellarmino aos que professam estas opiniões; e segue demonstrando que o papa não tem autoridade sobre o temporal dos reis.

Ora, para não fatigar o colega do *Apóstolo*, lhe pedi que fechasse o livro, e meditasse nas páginas que acabava de ler. E porque assim o fez, ponho ponto à crônica.

SILENO.

Abreviaturas utilizadas nesta edição

SI – *Semana Ilustrada*.

Referências

ASSIS, Machado de [Sileno]. Nova crônica. *Semana Ilustrada*, Rio de Janeiro, nº 476, p. 3803 e p. 3806, 23 jan. 1870.

²⁰ Natural de Panormo, atual Palermo. Alusão a Antonio Beccadelli (1394-1471), um humanista, poeta, historiador e escritor italiano.

²¹ Alusão ao teólogo espanhol Alonso Fernández de Madrigal (c.1410-1455), conhecido como El Tostado ou El Abulense (natural de Ávila). Ver Wikipédia espanhola.